

ARTE DE DENTRO PARA FORA: A INFLUÊNCIA DA PSICOLOGIA E DOS SENTIDOS NO MUNDO CRIATIVO

Victória Christine de Oliveira¹, Tatiellen Roberta Rogoni², Paula Gabriela da Costa³

¹Acadêmica do Curso de Licenciatura em Artes Visuais, Polo Floresta Belo Horizonte, Minas Gerais, EAD/Universidade Cesumar – UNICESUMAR, vic.ilustrados@gmail.com

²Orientadora, Professora mediadora do Curso de Licenciatura em Artes Visuais, Universidade Cesumar – UNICESUMAR. tatyrogoni@gmail.com

³Coorientadora, Professora mediadora do Curso de Licenciatura em Artes Visuais, Universidade Cesumar – UNICESUMAR. paula.gabriela@unicesumar.edu.br

RESUMO

Nesta pesquisa, pretende-se analisar a relação da arte com a mente humana; a fim de perceber, de que maneira a sinestesia, como fator neurológico, trabalha em conjunto com a criatividade. Também, aspira-se investigar a hipótese de que a sinestesia é um fenômeno cerebral único, distinto de uma metáfora ou algo comum entre os seres humanos. Um dos objetivos deste estudo é defender a ideia da arte como componente em total contato com a ciência, e de que ela deve ser levada em conta como qualquer outra área, onde a pesquisa é exercida, sendo relevante para os estudos da sociedade. Este trabalho tem a pretensão de sustentar que a arte deve ser valorizada e tratada, tanto quanto ensinada, com muito cuidado, pois se trata de uma matéria de grande valor. Refere-se a uma pesquisa que irá além da análise de criação visual, pois irá abarcar um mundo imersivo envolvendo arte, psicologia, neurociência e sinestesia.

PALAVRAS-CHAVE: Arte; Criatividade; Neurociência; Sinestesia.

1 INTRODUÇÃO

Há muitos anos, os estudos referentes à arte têm sido ligados a diversos aspectos e áreas do cotidiano da vida humana. Não se pode negar, apesar de muito pouco valorizada, que se trata de uma área importante que vem colaborando para a vida em sociedade num aspecto geral. Temos como exemplo, estudos que apontam para a arte como uma potente fonte de terapia, em que o ser humano encontra meios para exteriorizar seus anseios. Desta forma, para esta pesquisa, serão abordados fatores onde a arte se liga a neurociência e a psicologia, a fim de compreender como a sinestesia trabalha em conjunto com a criatividade. Como Pinker (2004) acreditava, o que nos atrai para uma obra de arte, não é apenas a forma como ela nos faz sentir fisicamente, mas, também, seu conteúdo emocional, aquilo que nos diz sobre nossa condição como seres humanos. Desta forma, pode-se observar um grande paradoxo, se tratando daquilo que somos com aquilo que criamos. Para a compreensão de uma arte, deve-se entender também sobre o artista. E para entender o artista, deve-se observar a sua arte. Ambos trabalham em conjunto e não individualmente.

A ideia de que nosso cérebro é complexo, não é nova. E, se tratando da sinestesia, a complexidade parece aumentar. O cérebro de um sinesteta, não funciona com breves momentos de trocas de sentidos, ou como uma situação que pode ser controlada. Trata-se de uma experiência física involuntária, um acontecimento constante. É importante salientar, que a reação acontece ao mesmo tempo em que o “estímulo” é recebido. Não há a possibilidade de evitar, diminuir ou aumentar voluntariamente. Desta forma, caracterizar a sinestesia como uma metáfora, é injusto para aqueles que realmente a possuem (CYTOWIC, 1995).

Esta visão superficial sobre a sinestesia, acarretou em diversos estudos sobre o fenômeno, como no caso de estudos sobre o LSD, onde um dos efeitos colaterais do uso do narcótico, traria supostamente um breve momento de sinestesia, o que ainda está sendo estudado por cientistas da área.

Outro aspecto que está sendo estudado nesta pesquisa é a relação de medicamentos para tratamento do Déficit de Atenção com a Sinestesia. Um fato curioso

relatado por Cytowic (1995), aponta um jovem de sexo masculino, que descreveu ser portador de um típico caso de *colored hearing*, um tipo de sinestesia onde se ocorre uma associação entre cores e sons. O jovem, também foi diagnosticado com TDA (não especificou se seria hiperativo). Este faria uso do remédio Ritalina, que é normalmente utilizado no para tratamento de desatenção. O curioso, é que, diferente do esperado, o jovem apontou ter tido sua sinestesia intensificada após o início de seu tratamento. Diante deste fato, nota-se que a ligação do TDAH com a Sinestesia ainda é um fator muito curioso e que pesquisas sobre o assunto ainda estão sendo desenvolvidas. Todavia, o que já se sabe sobre o TDAH, é a alta capacidade criativa que possuem aqueles que lidam com o transtorno (SILVA, 2014).

A partir destes exemplos, podemos ver como o cérebro está ligado a arte em um aspecto geral, e o quão absurdo seria a ideia de pensar que a arte não passa de uma série de ligações emocionais com o papel, a representação dos sentimentos, nos levando a ouvir termos como “a arte é um descanso”, “um alívio”, “um momento de relaxamento”. Penso, que a arte é na verdade uma revolução, uma ciência, um protesto. Assim como um químico toma cuidado ao manipular um experimento científico com uso de fórmulas, da mesma maneira, um artista pesquisador, um professor de artes ou o próprio observador, deve tomar cuidado ao caracterizar a arte e tentar colocá-la em uma caixinha emocional.

Visto isto, tem-se como propósito, durante esta pesquisa, aclarar conceitos preconceituosos a respeito da sinestesia e da arte. Pretende-se chegar ao “começo do fim” da caracterização da sinestesia como algo que “todos vivenciamos”; a arte como algo desprezável, e diversos outros pontos que preconizam aqueles que trabalham ou lidam com cada fator apresentado.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

A presente pesquisa, de cunho bibliográfico, está sendo desenvolvida por meio de leituras e intersecção de conteúdos bibliográficos, além da criação de um PODCAST como ferramenta de disseminar os resultados desta pesquisa. Pretende-se coletar informações para o aumento do acervo dos fatores artes, psicologia e sinestesia. Os estudos serão aplicados na leitura e aprofundamento de questões históricas, psicológicas, artísticas e científicas do passado e da atualidade. Para os estudos a respeito do tema “Sinestesia”, têm sido feitas análises dos escritos de Richard E. Cytowic (1995), principalmente, do artigo: “Sinestesia: Fenomenologia e Neuropsicologia, uma revisão do conhecimento atual” como base para a discussão neste resumo expandido. Também, leitura de artigos científicos escritos por Rosangella Leote (2014), Loren P. Bergantini (2019), Silvana Rea (2017), entre outros pesquisadores, fazem parte da base teórica desta pesquisa.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Até o presente momento, foi constatado que a Sinestesia não deve ser tratada como mais do que um fenômeno neurológico com base em uma estrutura cerebral específica. Conforme Cytowic (1995), a sinestesia não pode ser tratada como uma metáfora, uma figura de linguagem, um componente estilístico ou um fato que pode ocorrer com qualquer um. Além disso, Bergantini (2019) apresenta que, apesar de a sinestesia se tratar de um fenômeno onde nossos sentidos são aguçados, deve-se ressaltar que o sinesteta legítimo, portador do fenômeno neurológico sinestesia, não consegue controlar seus estímulos. Sendo assim. Não poderia evitar tal feito.

Muitos artistas acreditam estar produzindo obras sinestésicas quando criam utilizando-se dos seus sentidos, buscando interação com os sentidos daquele que recebe a obra de arte. Porém, estudiosos afirmam que a sinestesia se trata de um fenômeno neurológico.

Tal pensamento, de muitos do meio artístico, trouxe como resultado artigos que retratam que a Sinestesia se trata de uma capacidade humana de mobilizar interação de seu sistema sensitivo para a realidade tangível. Contudo, por meio de pesquisas, compreende-se que a sinestesia se trata de um fenômeno neurológico, com estímulos cerebrais que trazem sensações sensitivas, não necessariamente pode ser caracterizado como sinestesia. No mundo artístico, pode-se ver em diversos momentos a sinestesia caracterizada como esse tipo de situação de troca de sensações. Porém, devemos ressaltar que a sinestesia se trata de uma condição neurológica própria de certos seres, podendo eles terem nascido com tal característica ou adquirido devido a algum acontecimento importante ao longo da vida.

Bacurau e Amaral (2015) concluem também que a Sinestesia é um fenômeno situacional, relatando que todos nós em algum momento passamos por uma “experiência de Sinestesia”. Todavia, Freitas (2018) apresenta o contrário, relatando a Sinestesia como um defeito que surgiu no desenvolvimento ou após um acontecimento importante, como, por exemplo, a amputação de um membro.

De forma lastimável, a sinestesia tem sido tratada como uma tendência. Assim, como diversos fenômenos cerebrais em que poucos vivenciam, porém, fazem desses fenômenos de desejo, um diferencial, que de tudo, apenas possui aspectos positivos e todos os que carregam são considerados participantes de um movimento. Porém, a Sinestesia também apresenta aspectos negativos. Um exemplo disso, é a dificuldade de aprendizado e a negligência que os Sinestetas sofrem continuamente.

Em sua pesquisa, Cytowic (1995) cita que as reações de um Sinesteta perante uma obra de arte são diversas, mas que são sempre muito interessantes. Um sinesteta poderia, por exemplo, ver a cor vermelha e em seguida descrever o cheiro do vermelho, tão quanto a sua textura. A maioria dos sinestetas demonstrou também ter não só uma memória excelente, mas também citar suas sensações paralelas como a causa, como no exemplo que citou, “Eu sei que é um 2 porque é branco” (1995, 3). Desta forma, um sinesteta poderia facilmente se lembrar de um trabalho devido às relações que seu cérebro faz com as sensações que esta obra traz para si. Artistas sinestetas, no entanto, são citados como artistas devido a sua arte e não sua sinestesia. Deve-se compreender que sinestetas são os portadores de uma condição e não pessoas com muita criatividade.

A artista Lygia Clark, por exemplo, é citada várias vezes em textos e análises como uma artista produtora de artes “sinestetas”, mas durante esta pesquisa, podemos observar justamente o contrário. Uma arte não poderia ser sinesteta, se levarmos em conta que a Sinestesia produz associação não descritíveis, e somente aquele que está a passar pela mesma experiência fisicamente poderia entender do que se trata.

Também, Cytowic (1995) cita a relação entre Sinestesia e TDAH/DDA, tendo como exemplo o relato de uma jovem que teve seus sintomas sinestésicos intensificados com o uso de Ritalina, usada para seu tratamento de Déficit de Atenção. Outros estudos, como o de Caleb Robinson (2015), relatam uma possível ligação entre os dois fatores, usando como exemplo, o caso de uma jovem citada como o pseudônimo M.P. Esta, retrata ser portadora de TDAH, e que este é um transtorno recorrente em sua família. Porém, M.P. não sabe dizer se existem outros casos de Sinestesia como o seu, mas conta que suas experiências aconteciam dentro de sua própria cabeça, e não no mundo externo. Estes casos são descritos como “Não-Localizadores” enquanto aqueles que experienciam estes acontecimentos no mundo externo são chamados de “Localizadores”. M.P. deixa claro, que em diversos momentos ao relacionar uma palavra com uma cor, presta mais atenção às palavras do que as cores em si, podendo esta ser uma grande influência do seu TDAH no processo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Até o momento, concluiu-se que a Sinestesia não deve ser usada como metáfora, componente estilístico ou algo situacional. Deve ser levada em conta como um fato real que depende da estrutura cerebral do indivíduo. Porém, até o momento existem estudos que indicam um provável efeito colateral de narcóticos como o LSD que causam alucinações e uma breve sinestesia. Isto, porém, ainda não é uma concordância entre os cientistas da área.

A sinestesia é a troca de sentidos involuntária, constante e ocorrida juntamente ao “estímulo” recebido ao mesmo tempo.

Sabemos também, que a Sinestesia se relaciona com a arte, de tal forma que a experiência de Sinestetas perante trabalhos artísticos é muito mais imersiva e completa do que de artistas sem essa anomalia. Isto ocorre, devido a sua capacidade de sentir texturas, cheiros e sabores em cores ou objetos representados somente esteticamente. Porém, sua capacidade de transmitir esta experiência em trabalhos artísticos é improvável, pois se trataria apenas de uma representação superficial, e não a produção de um trabalho que traria para espectadores não sinestetas uma experiência de Sinestesia.

REFERÊNCIAS

BACURAU, C. M.; AMARAL, M. V. N. **Sensorialidade, percepção e experiência na obra de Lygia Clark**. Disponível em: <http://faeb.com.br/admin/shared/midias/1466123933.pdf>. Acesso em: maio 2021.

BERGANTINI, Loren P. Sinestesia nas artes. **ARS** (São Paulo), v. 17, n. 35, p. 225–238, 2019. Disponível em: <http://www.daysyn.com/>. Acesso em: maio 2021.

CYTOWIC, Richard E. **Synesthesia**: phenomenology and neuropsychology a review of Current Knowledge. Disponível em: shorturl.at/hjB13. Acesso em: 21 jun. 2021.

FREITAS, Ana Francisca Gonçalves. **Sinestesia espelho-toque**. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.6/8335>. Acesso em: jun. 2021.

LEOTE, Rosangella. Multissensorialidade e sinestesia: poéticas possíveis? **ARS** (São Paulo), [S. l.], v. 12, n. 24, p. 43-61, 2014. DOI: 10.11606/issn.2178-0447.ars.2014.96737. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ars/article/view/96737>. Acesso em: maio 2021.

Pinker, S. **Tábula Rasa. A negação contemporânea da natureza humana**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

REA, Silvana. Lygia Clark: arte e vida. **Ide** (São Paulo), São Paulo, v. 40, n. 64, p. 95-102, dez. 2017.

ROBINSON, Caleb. Synesthesia and memory: an explanatory analysis. **Modern Psychological Studies**, v. 21, n. 1, p. 79-87, 2015.

SILVA, Ana B. B. **Mentes inquietas: TDAH - Desatenção, hiperatividade e impulsividade**. São Paulo: Principium, 2014.